

O primeiro turno

Encerra-se hoje o primeiro turno da Constituinte, iniciado em fevereiro do último ano. O projeto resultou de milhares de emendas, algumas de entidades de classe ou apresentadas por populares, cuja discussão consumiu milhares e milhares de horas. Nunca houve, entre nós, parlamentares que, em conjunto, tenham trabalhado com essa intensidade.

Quem acompanhou a Constituinte sabe como foi desgastante o primeiro turno. Houve dias em que deputados e senadores dispenderam até doze horas em discussões infundáveis, às quais se pode acrescentar, com justiça, o tempo das sucessivas reuniões. Naturalmente que algumas vezes faltou quorum e dos 559 constituintes nem todos demonstraram o mesmo interesse público. Uns cinquenta, por exemplo, deveriam ter sido substituídos por desinteresse.

Alguns momentos foram lamentáveis, como aquele em que um deputado colocou um penico na tribuna para explicar seu pensamento, a votação por um constituinte ausente, as agressões a parlamentares por arruaçeiros descontentes, a CUT a lançar moedas em plenário e gritar palavras ou, ainda, o orador que, emocionado, cantou um hino como fecho de seu discurso, merecendo, como calouro, nota 10.

Lamentáveis, sim, mas a Constituinte não foi isso em seu primeiro turno. Foi, na verdade, a assiduidade de parlamentares antigos, como Jutahy Magalhães, ou novos, como Adilson Motta, que participaram de

quase todas as sessões e votações. Foi o combativo José Genoíno em seu amadurecimento parlamentar. Foi o aparecimento de Luís Eduardo Magalhães, notável articulador e um nome do futuro.

Foi o discurso emocionado e brilhante de Alcenir Guerra, a sustentar uma causa ingrata, mas que comoveu seus pares. Foi o confronto entre as inteligências de Jarbas Passarinho e Mário Covas sobre a anistia, sua ética e consequências políticas. Foi Bonifácio de Andrada articulando o Centrão para impedir a vitória das esquerdas, mais simpáticas e majoritárias, ou, ao mesmo tempo, Bernardo Cabral, um progressista, preferindo a serenidade ao sucesso para não colocar em risco a transição.

Foi tudo isso e mais. Contudo, foi, principalmente esta trindade: Ulysses Guimarães, Virgílio Távora e Paulo Affonso, este o seu cérebro, o seu dínamo, que encarnou a alma e o trabalho de todos os servidores. Foi Ulysses Guimarães, extraordinário condutor, resistindo a todos os cansaços, exigindo um esforço que levou muitos e muitos a terem pesadelo com seu refrão, "códigos, códigos...".

Foi Virgílio Távora com o câncer a matá-lo, certo do fim próximo, mas a discutir artigo por artigo, a participar de reuniões e reuniões em busca do melhor para sua Pátria, procurando construir um País que não veria, mas com o qual sonhava. O primeiro turno da Constituinte é um dos momentos mais honrosos de nossa história política.